

O Quartzito e a Fé: A Soberania da Pedra na Mantiqueira

Gerailson José de Oliveira

Gerailson José de Oliveira

OLIVEIRA, Gerailson José de. O Quartzito e a Fé: A Soberania da Pedra na Mantiqueira: Gerailson José de Oliveira. Academia Brasileira de História e Literatura, 2026. Disponível em:

<https://academiaabhl.org/portal/publicacoes/o-quartzito-e-a-fe-a-soberania-da-pedra-na-mantiqueira>.

<https://academiaabhl.org/portal/publicacoes/o-quartzito-e-a-fe-a-soberania-da-pedra-na-mantiqueira>

Área: Artigos Acadêmicos

Publicado em 16 de junho de 2026

Na crista da Serra da Mantiqueira, onde a altitude impõe o isolamento e a névoa frequentemente confunde os horizontes, ergue-se São Thomé das Letras. O Conjunto Histórico e Paisagístico da pólis não se estruturou sob os moldes tradicionais da cal, do tijolo ou da opulência do ouro que caracterizaram o urbanismo colonial das Alterosas; antes, fundiu-se de forma umbilical com a própria geologia local. Ali, a história não foi apenas registrada em documentos, mas talhada diretamente no quartzito.

A ocupação do arraial setecentista consolidou-se em torno de um duplo eixo: a fé e a matéria-prima abundante. A Igreja Matriz de São Thomé, cuja edificação teve início nas últimas décadas do século XVIII — por volta de 1785 —, materializa a transição do barroco para o rococó religioso mineiro. Suas paredes guardam o afresco e a talha decorativa, mas é na sua inserção urbana que ela revela a tônica da cidade: um tempo de pedra que parece brotar diretamente do solo rochoso, servindo de marco inicial para o traçado das ladeiras.

Ao redor do templo, o casario civil desenvolveu uma das expressões mais autênticas da arquitetura vernacular brasileira: a técnica da "pedra seca" (ou *dry stone*). Trata-se de uma engenharia de resistência e precisão, onde os blocos de quartzito são sobrepostos e encaixados perfeitamente sem o uso de argamassa. Esse saber tradicional, transmitido entre gerações de canteiros e faiscadores, desafia a gravidade e o tempo, convertendo os elementos naturais da montanha em abrigos perenes e integrados à paisagem.

Imagem aérea da Cidade

A Fundamentação Teórica: Para Além da Monumentalidade

Sob a ótica do pensamento de Mário de Andrade — cuja contribuição intelectual em 1936 moldou as bases da preservação no Brasil —, o patrimônio não deve ser medido apenas pela sua monumentalidade ou riqueza material, mas sim pelo valor cultural e pelas manifestações da experiência concreta de um povo. São Thomé das Letras é a materialização exata dessa premissa. Sua relevância histórica não reside em palácios suntuosos, mas na genialidade do cotidiano, na técnica popular que transformou o mineral em habitação.

Essa simbiose entre o assentamento humano e o meio natural encontra perfeito amparo no conceito moderno de **Paisagem Cultural**, chancelado pelo IPHAN para proteger territórios onde a interação humana produziu cenários de relevante valor histórico. Mais do que um conjunto de edificações isoladas, o que se preserva na crista da serra é a própria relação tátil, econômica e existencial entre o homem e a rocha.

Décadas depois, a Constituição Federal de 1988, em seus artigos 215 e 216, consolidaria essa visão ao expandir a noção de patrimônio para os portadores de referência à identidade e à ação dos

diferentes grupos formadores da sociedade. O saber fazer dos canteiros de São Thomé, eternizado na rigidez do quartzito, é um testemunho vivo dessa memória coletiva.

A Dimensão Mítica: Onde a Rocha Vira Narrativa

Essa estreita relação com a materialidade rochosa transcende a engenharia civil e molda o próprio imaginário local, provando que o patrimônio material e o imaterial são faces da mesma moeda. Em São Thomé, a pedra não é um elemento estático; ela é viva e geradora de mitos.

O relevo acidentado deu origem a monumentos naturais esculpidos pela erosão e pelo tempo, como a célebre Pedra da Bruxa, cuja silhueta antropomórfica parece vigiar o horizonte da Mantiqueira, fundindo a geografia física às narrativas místicas que definem a identidade da pólis.

Da mesma forma, as entranhas calcárias e de quartzito da região abrigam mistérios que alimentam o folclore contemporâneo. A clássica lenda urbana de que uma de suas grutas profundas abrigaria uma passagem secreta — um portal místico conectando o sul de Minas diretamente à mítica cidadela inca de Machu Picchu, no Peru — é o reflexo de como o isolamento geográfico estimulou a imaginação popular.

Longe de diminuir o valor histórico da cidade, essas camadas de realismo fantástico humanizam o quartzito. Como intuiu a virada modernista na preservação, o patrimônio cultural reside tanto no bloco de pedra que sustenta o casario quanto na força da narrativa que o povo escolhe contar sobre ele.

Conclusão

O patrimônio material de São Thomé das Letras documenta, portanto, uma soberania singular. A permanência naquela geografia acidentada deu-se através do domínio e do respeito ao território. Séculos após os primeiros povoadores fixarem-se na região, a cidade permanece como um monumento à arquitetura do essencial, onde a identidade cultural de uma comunidade se confunde com a própria ossatura de pedra do Brasil.

Gerailson José de Oliveira

Membro da Academia Brasileira de História e Literatura

COMO CITAR

OLIVEIRA, Gerailson José de. O Quartzito e a Fé: A Soberania da Pedra na Mantiqueira: Gerailson José de Oliveira. Academia Brasileira de História e Literatura, 2026. Disponível em: <https://academiaabhl.org/portal/publicacoes/o-quartzito-e-a-fe-a-soberania-da-pedra-na-mantiqueira>.